Sképsis: Revista de Filosofia
ISSN 1981-4534
Vol. XVII, N. 34, 2026, p. 68-69

PRÓLOGO A *ESCEPTICISMO E ILUSTRACIÓN*

(TRADUÇÃO PARCIAL)

Ezequiel de Olaso

Tradução
Plínio Junqueira Smith, Unifesp
Email: plinio.smith@unifesp.br
e
Waldomiro José da Silva Filho, UFBA
Email: wjsf.ufba@gmail.com

Não é muito comum que as pesquisas dos historiadores da filosofia obriguem a modificar a imagem completa de um século, ainda mais quando se trata de um século nada distante do nosso. No entanto, foi exatamente isso que ocorreu nos últimos quinze anos, graças aos estudos de Richard H. Popkin e de Giorgio Tonelli sobre o século XVIII. Devemos lamentar o falecimento prematuro do professor Tonelli, justamente quando seu paciente trabalho de pesquisa estava produzindo resultados estimulantes devido à sua capacidade renovadora. Ele foi o primeiro a mostrar, por exemplo, a ambiguidade de expressões como *Siècle des Lumières* quando aplicadas indistintamente à atividade filosófica na França e em um país vizinho, com ritmo histórico diferente, como a Alemanha. A característica fundamental do Iluminismo, na opinião de Tonelli, já não parece consistir, como pensavam Cassirer ou Hazard, na rebelião da razão humana contra as amarras da tradição e da autoridade, nem em sua vontade de impor suas próprias regras a todos os campos do conhecimento, substituindo os preconceitos por uma investigação científica que penetraria em todos os setores do mundo material e espiritual em busca de um progresso indefinido. Embora possa se basear em bons fundamentos de julgamento, essa opinião peca por ser excessivamente parcial e Tonelli mostrou com energia singular o outro lado da moeda: "O Iluminismo foi, sem dúvida, a Era da Razão, mas uma das principais tarefas atribuídas à razão nessa era foi a de definir seus próprios limites, estabelecendo cuidadosamente o campo do conhecimento humano possível em oposição às coisas que se considerava estarem além dos limites do entendimento humano" (ver mais adiante, capítulo 3, nota 2).[1]

Introduzi a expressão "crise pirrônica", que Hume literalmente não utiliza e que, como veremos, quase se encontra em Rousseau. Essa expressão procura descrever uma situação radicalmente problemática que também parecia alheia à Era do Iluminismo, de acordo com a imagem clichê que se tinha dela. Essa crise consiste na perda de segurança quanto aos princípios ou fundamentos do conhecimento e da

---

O prólogo foi originalmente publicado em Olaso, E. de 1981. *Escepticismo e ilustración. La crisis pirrónica de Hume y Rousseau.* Valencia, Venezuela: Oficina Latinoamericana de Investigaciones Jurídicas y Sociales. Mais recentemente, Ricardo Ibarlucía reeditou esse livro (Buenos Aires: Centro de Investigaciones Filosóficas, 2019). Agradecemos ao CIF, a seu presidente Fernando Bahr e a Ricardo Ibarlucía a autorização para publicar parte do prólogo.

[1] O livro contém os dois artigos sobre Hume traduzidos neste número 34 da *Sképsis* e um artigo sobre Rousseau, já traduzido por Paulo Jonas de Lima Piva na *Sképsis* 6. É a esse último texto que Olaso se refere como o capítulo 3. Note-se que ele revisou seus artigos para a publicação do livro. [Nota dos T.]

ação. Na tradição filosófica ocidental, considerou-se, por vezes, que tal crise, o xeque-mate da dúvida, é um passo inevitável para filosofar (Descartes, Russell); outras vezes, considerou-se tratar de uma impostura retórica, revelando-se inútil para filosofar (Leibniz, Meinong). Contra a opinião corrente a respeito da Era do Iluminismo, este livro mostrará que Hume e Rousseau pertencem, nesse sentido, à tradição cartesiana. Mas, além dessa constatação, parece-me necessário ressaltar que, seja qual for a natureza da situação problemática, o ponto fundamental para classificar as diversas formas de ceticismo não está no momento da dúvida ou do problema, mas na atitude adotada para superar o problema: ou se renuncia a continuar opinando com a pretensão de conhecer de forma justificada (pirronismo), ou se admitem opiniões com diversos graus de justificação, embora sem alcançar a certeza (academicismo); ou ainda, para nos limitarmos a apenas três atitudes, estabelecem-se limites ao conhecimento justificado que não excluem, em determinados domínios, a certeza absoluta; propus chamar aos defensores dessa posição de "limitacionistas".

Temos, portanto, uma primeira tipologia: o limitacionista, o cético acadêmico (também chamado de "probabilista") e o cético pirrônico; os três capítulos desta obra são exercícios de esclarecimento conceitual do limitacionismo e dos diversos ceticismos na era do Iluminismo.

Além de sua incidência nesse trabalho predominantemente historiográfico, esta pesquisa aborda questões gnosiológicas que hoje estão em plena discussão, em particular o problema da justificação do conhecimento ou o problema do critério. Me interessou mostrar as características exclusivas da atitude pirrônica, pois, seja verdadeiro ou falso, o ceticismo pirrônico é uma das poucas atitudes básicas e integrais que o homem pode adotar. Seu questionamento é o mais radical que se pode formular sobre a justificação do conhecimento humano.

A demarcação conceitual com a qual trabalhei produziu dois tipos de resultados que me parecem promissores. A tipologia do ceticismo, ao funcionar como método para determinar a coerência de uma doutrina, revela sérias incoerências no ceticismo "moderado" de Hume; de fato, se não há continuidade entre o ceticismo acadêmico e o pirrônico, é injustificável qualquer doutrina que presuma que ambos os ceticismos sejam comensuráveis entre si. Esse é o caso não apenas do ceticismo mitigado de Hume, mas de todo tipo, hoje bastante frequente, de ceticismo mitigado.

A essa investigação sobre a tipologia do ceticismo como *ars judicande* acrescento uma reflexão sobre Rousseau, na qual a categorização do ceticismo permite descobrir os dois tipos de ceticismo em "A profissão de fé do Vigário da Sabóia", inserida no quarto capítulo de *Émile*. Agora, a categorização do ceticismo dá frutos como *ars inveniendi*. É ela que permite, pela primeira vez, examinar o célebre texto de Rousseau à luz dessa história do ceticismo na era do Iluminismo.